

não sei quem às portas do tempo
diga-se também do templo
o planalto dos solos frios e quentes
sem oração nem retábulo sem humanidade
céu e orvalho jogam em cima do mundo
secreto laço é o contrato entre o escriba e o leitor
o gravador de tábuas e o afinador de leituras
o vínculo vem de há muito e porque é brincado fala-se de caso sério
morre o poeta dos versos abertos na sombra e não há ladainha
o poeta agora sem poejo nos lábios sem perfumaria
não há passadeiras não há cortejo nem luminárias
por um fiozinho ficará a fama
chegam os interessados na usura e o poeta vai a leilão
a bem dizer não é bem ele
é um quadrinho emoldurado a prata com o seu retrato
[não vá cuscar-se que andou sem rosto]
nos cantos inferiores um tufo de cabelos e dois bocados

um de lábio outro de língua
o resto do poeta passou a cinza e o quadrinho a relíquia
vai ao comércio junto com books raros
o panorama encaixilhado atrai gulosos de raridades fora do mercado
é da lei o mestre nasceu bicho e está morto
foi ao fogo mais os seus botões de rosa
nem podemos saber
se no fim das contas a alma está seca ou é filigrana de música
acabaram-se os obscuros modos de rezar os autógrafos
e os prazeres se os houve
nada de nervos não sobrou nada
[as cinzas e as micas de ossos]
ah entre ele e o silêncio ficaram escritas algumas falas
falou que a morte talvez seja o silêncio que há entre as coisas
o além das coisas impossível de dizer
a vez dos pássaros vêm com suspiros de outra ordem
outra limpidez

feitos aguarela com o doce dos bicos sem o vício das letras
eles nisso e o céu por baixo a morte em conto infantil
sem dor
e é a vez dos astros que ajudam e antes não pulsaram
o licórnio que não é do ar nem arte vem ao pagode
com a sua não-presença
o licórnio do corno meticuloso
o que vai às minas estampado em sedas com fibra de ouro
por vir de onde vem está adiantado ao que dizemos
é companhia superior não visto e feliz por isso
o licórnio não é um corço
uma vez por outra espreita insinua-se entre letras e sílabas
intuímos o restolho sombrio de insectos mais estimados
os secretos grilos os escaravelhos [que fiam a boa sorte ao coração]
o fantástico faz o bem onde toca faz incandescer
e as centelhas trazem cura
o licórnio com o seu eminente corno faz o bem

é ele que diz por nós por exemplo
não é impossível escutem a raiz do sol o silvo dos meteoros
antes que se abram de novo as portas do silêncio
ou nem isso porque depois não estareis às voltas no claro e escuro
mas para que isto seja valioso o licórnio diz mais
é preciso tolerar o que está acima do céu que vos cobre
ir sem palavra esquecer a humanidade
a fraca glória das coisas que se palpam
esquecer a própria fala
ouvir nos pulsos o ferver do sangue
as cicatrizes por mão desalmada
não é possível saber não é
entrar à queima sem falta no extremo da área
abrir mais o jogo romper
cobrir o miolo do terreno e os flancos
subir descer reforçar a linha defensiva
ganhar o aplauso por dar gosto aos outros no gozo que não sentem

os artistas lavram nos relvados as emoções para lá das quatro linhas
há lá melhor do que ter fortuna ou a sua ilusão jogando o que se quer
ah se a felicidade estivesse no clamor benigno do estádio
pobre poeta na doença de jogar tanto por tão pouco perdendo
e os outros esfregando os emblemas
enquanto teve organismo para calar o susto e o grito
imolado o aborrecido poeta das fomes e da vastidão
procurou evidências que não fossem as clarezas de sempre
galito sem voz a cantar de galo
traduzir trazer para a língua o que não pesa o que não é matéria
os nomes e o corrupio
tudo bem dito como um algarismo perfeito
[ai a conjunção como isto como aquilo ai a união disto tudo]
ai há música
fora do humano fora daqui não existimos
vê no álbum as imagens doutros episódios
esta é uma sumaúma em salvador da bahia

nesta sou eu peregrino no teatro de epidauro
[mais novo e conheci o das obras mais o asclépio
custa-te buscar o nome do arquitecto o policleto]
esta é a fonte do milagre que deita azeite quando quer
aqui era no verão e uma vaca parida no monte
este sou eu em matosinhos com dezasseis meses e botinhas de borracha
à porta da casa da tia germana
dentro o calendário corria
e o tio curral marcava a lápis a minha altura
comigo encostado à portada de madeira da janela
olha esta interior de espanha
a luz acendeu-se era forte
consigo lembrar não sei porquê
outono e os floreados góticos no pico da cathedral
aquilo eram cascas de plátano que saltavam à vista
pormenores
esta és tu a dançar parada a máquina parou a dança

tens sorriso e as pálpebras cerradas
os dedos vão às nuvens há demasiadas fomes
um dia numa aldeia caída no alpendre da casa um homem
um homem de oitentas senta-se numa cadeira
um naco de presunto ao lado e a carapaça dum escaravelho
o sol a dar-lhe e no relógio de pedra
e espeta-se no peito com uma faquinha de abrir livros
lâmina de marfim com punho em forma de pato
fica-se à espera de morrer é assim que se diz
nos seus olhos nada nem rogo nem queixume
o sol a dar-lhe e as moscas o zuído delas
uma vizinha com dificuldade na língua
anuncia aos socorristas que chegam *poema dele poema dele*
em vez de *problema dele problema dele*
nem é tanto o futuro mas o infinito
o regresso ao plasma impossível de contar
eis aquele que violou o seu nome

uma fita de acontecimentos a desenrolar-se
sequência rápida de aspectos deixados na memória
desde as procissões e as guloseimas às orelhas grandes do prior
um desfile rápido de rostos
a primeira rapariga da saia curta e sapato leve de mostrar o pé
e a outra mulher a que ganhou aliança com ele
e mais a que ficava à espera que não fosse noite
e lhe confiava ao espírito as rachas do seu corpo
e as outras as de se lhes tirar o chapéu as outras
na juventude era um pedaço elas que o digam diziam
ágil amora com açúcar moreno altivo
lábios prontos ao dizer e ao beijo
chamavam-lhe *lince* comia amêndoas e nozes
com as amêndoas acostumava-se ao cianeto
umas diziam-lhe *ó lince vem mexer a minha pérola*
e ele ia a quase todas
a umas às ocultas por causa dos efeitos